

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Rafael Prudencio Moreira

CENSURA, TÁ OK?
A volta do controle moral sobre as obras de arte na atualidade

Florianópolis
2019
Rafael Prudencio Moreira

CENSURA, TÁ OK?
A volta do controle moral sobre as obras de arte na atualidade

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo
do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade
Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do
Título de Bacharel em Jornalismo

Orientador: Profa. Dra. Valentina da Silva Nunes

Florianópolis
2019

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC	
ANO	2019.2	
ALUNO	Rafael Prudencio Moreira	
TÍTULO	Censura, tá ok? - A volta do controle moral sobre as obras de arte em 2019	
ORIENTADOR	Valentina da Silva Nunes	
MÍDIA	<input type="checkbox"/>	Impresso
	<input type="checkbox"/>	Rádio
	<input checked="" type="checkbox"/>	TV/Vídeo
	<input type="checkbox"/>	Foto
	<input type="checkbox"/>	Web site
	<input type="checkbox"/>	Multimídia
	CATEGORIA	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>		Produto Comunicacional
<input type="checkbox"/>		Produto Institucional (assessoria de imprensa)

	X	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
		Reportagem livro-reportagem ()	() Florianópolis (x) Brasil () Santa Catarina () Internacional () Região Sul do País: _____
ÁREAS	Democracia em risco, Brasil, liberdade de expressão, arte, documentário		
RESUMO	<p>Após um hiato de quase 34 anos sem se ouvir a palavra censura, ela volta a preocupar os brasileiros no primeiro ano do primeiro mandato do presidente eleito Jair Messias Bolsonaro. Diferente dos tempos de ditadura militar, hoje não existe um órgão censor responsável por aprovar ou rejeitar as obras de arte em circulação no país. No entanto, agentes do Estado, de empresas privadas e setores da sociedade civil cumprem essa antiga função de fechar teatros, cancelar editais, vandalizar exposições e impedir apresentações de arte crítica. O jornalismo cultural neste cenário é tímido e não dá conta de explicar os mais de 30 casos só neste ano. O documentário retrata casos de artistas de Florianópolis e de São Paulo, e apura suas implicações legais e avaliativas: quem são e por que essas obras têm sofrido censura? Procura ainda abordar as questões legais, jornalísticas e conceituais que possam ajudar a entender esse momento e a responder: quais as consequências da censura que os brasileiros já estão sentindo em 2019?</p>		

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que de alguma forma me ajudaram a passar pelos caminhos mais difíceis e mais bonitos da vida. Minha mãe Marisa Prudencio, meu pai Alexandre Moreira, meus irmãos Júlia Prudencio Moreira e Ricardo Prudencio Moreira. À confiança da minha orientadora Valentina da Silva Nunes, que acreditou que este projeto daria certo. Ao Samuel Pantoja Lima, por me ouvir quando eu mais precisava. Ao Hedrick Rodrigues, pela atenção e por se preocupar com a saúde mental dos alunos do curso de Jornalismo. A todos que me escutaram e entregaram seu relato para este documentário. Por fim, agradecer a todos comunicadores que apuraram e postaram informações sobre os casos de censura nos últimos anos. A cada dia o Jornalismo se faz mais necessário.

RESUMO

Após um hiato de quase 34 anos sem se ouvir a palavra censura, ela volta a preocupar os brasileiros no primeiro ano do primeiro mandato do presidente eleito Jair Messias Bolsonaro. Diferente dos tempos de ditadura militar, hoje não existe um órgão censor responsável por aprovar ou rejeitar as obras de arte em circulação no país. No entanto, agentes do Estado, de empresas privadas e setores da sociedade civil cumprem essa antiga função de fechar teatros, cancelar editais, vandalizar exposições e impedir apresentações de arte crítica. O jornalismo cultural neste cenário é tímido e não dá conta de explicar os mais de 30 casos só neste ano. O documentário retrata casos de artistas de Florianópolis e de São Paulo, e apura suas implicações legais e avaliativas: quem são e por que essas obras têm sofrido censura? Procura ainda abordar as questões legais, jornalísticas e conceituais que possam ajudar a entender esse momento e a responder: afinal, quais as consequências que os brasileiros já estão sentindo em 2019?

Palavras-chave: Censura, arte, jornalismo, 2019, documentário, Brasil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 CONTEXTUALIZAÇÃO	7
3 JUSTIFICATIVA DO TEMA	10
4 JUSTIFICATIVA DO PRODUTO	10
5 PROCESSO PRODUTIVO	12
5.1 PRÉ-APURAÇÃO	13
5.2 APURAÇÃO	14
5.3 FONTES	15
5.4 MONTAGEM	18
5.5 CRONOGRAMA	19
6 ORÇAMENTO	20
7 DIFICULDADES E APRENDIZADOS	21
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

1 INTRODUÇÃO

Este relatório detalha os processos de produção do documentário “Censura, tá ok?”, uma descrição da estrutura que compõe o material jornalístico apresentado, desde a apuração até o produto final. A proposta é responder questionamentos e inquietações sobre o risco da volta de mecanismos de censura às obras de arte, como foi comum durante a ditadura militar brasileira. Este projeto foi desenvolvido ao longo da produção do próprio documentário, pois a temática e o formato do Trabalho de Conclusão de Curso originalmente apresentado mudou no decorrer do semestre. O período de apuração, captação e compilação dos relatos contidos se estendeu de outubro a dezembro de 2019.

O trabalho intenso e imersivo resultou em um documentário com duração de 35 minutos, que reúne entrevistas a extenso material sobre elas encontrados na internet. Foram expostos alguns casos similares com e sem repercussão nacional, e consultados especialistas das áreas sociológicas, da comunicação, da produção cultural, sindicatos, da gestão pública e do meio jurídico.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

A Constituição brasileira de 1988 é taxativa. O Art. 220 afirma: “é vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística”. Desde a redemocratização, no final dos anos 1980, os casos que antes competiam ao Estado censurar são agora resolvidos por meio de processos judiciais. Todo e qualquer cidadão que se sentir prejudicado pode processar alguém nos parâmetros da lei. Quando os casos envolvem o recolhimento ou a não exibição de uma obra de arte, a decisão não pode ser tomada por uma pessoa, mas, sim, por um processo, não excluindo o caráter censório da ação, mas estabelecendo barreiras para que a cláusula pétrea da Constituição não seja desrespeitada.

Desta forma, qualquer governo não estará amparado na legalidade, quando usar de seus poderes de decisão para cercear obras artísticas. Nem mesmo empresas que decidirem por ações que se configuram como censura estão amparadas na lei.

Em 2017, porém, o Santander Cultural ganhou notoriedade nacional com o caso “Queermuseu”. Na ocasião, obras com temática LGBT foram alvo de ataques morais sobre seu conteúdo, que, em seguida, foi retirado/censurado. A decisão da empresa foi matéria

principal dos jornais mais importantes do país durante dias. Tamanha repercussão se dá no hiato de 29 anos sem um caso de pressão popular tão grande seguido de censura.

No mesmo ano, houve outros cinco casos que envolviam, além de empresas privadas, gestores públicos, juízes e os poderes Legislativo e Executivo, conforme o Observatório de Censura à Arte. A forma de censura praticada é similar. Diferentemente da ditadura militar brasileira, onde a censura era prévia, a censura nestes casos (e na maioria dos que irão sucedê-los) provém de alguém com poder para, mesmo sem amparo legal e excedendo as suas reais atribuições, vetar obras de arte.

Em 2018, o caso do “Queermuseu” ainda repercutia no debate público, quando surgiu o episódio de censura ao livro *Meninos sem pátria*, de Luiz Puntel, que retrata a ditadura militar. O livro faz parte da Série Vagalume de literatura infanto-juvenil. A direção do colégio Santo Agostinho (SP) retirou-o da lista de livros, após a manifestação de alguns pais.

El País: Ficou decepcionado com a atitude do colégio, que voltou atrás depois de recomendar o livro?

Luiz Puntel: Lamento que um colégio como o Santo Agostinho, reconhecido pelo senso crítico, tenha cedido à pressão de meia dúzia de pais. Eu entendo a posição da diretoria, que deve ter temido um boicote ou ameaça de tirar os alunos da escola, mas isso não é educativo nem democrático. Sem contar que o veto ao livro só piorou as coisas, aumentou a repercussão do caso. Faz lembrar o episódio do Queermuseu, quando três ou quatro imbecis fizeram uma gritaria e o Santander arrepiou, suspendendo a exposição. (PIRES, 2018).

Em 2019, inicia-se o primeiro mandato do presidente Jair Messias Bolsonaro, quem, nos anos anteriores, frequentemente esteve envolvido em casos de censura citados por reportagens. Ele também se mostrou um interlocutor polêmico, como quando, em um programa na TV, disse que os criadores do “Queermuseu” deveriam ser fuzilados; ou, ainda, quando indiretamente, através dos chamados “apoiadores de Bolsonaro”, teve seu nome relacionado ao caso do *Meninos sem pátria*.

O primeiro discurso do presidente, durante a posse, anunciou o tom do governo nos atos que se seguiram de lá para cá. Nele, apontava que “os marginais vermelhos serão banidos na nossa pátria”, o que fez lembrar os tempos da ditadura militar. Esse discurso foi o primeiro “grito de guerra” de seu governo contra os artistas, por ele associados à esquerda. Em 13 de janeiro de 2019, aconteceria o caso da “Literatura Exposta”, em que o governo estadual do Rio Grande do Sul cancelou mostra literária com exposição crítica à ditadura militar.

A partir daí, o número de casos cresceu vertiginosamente. O Observatório de Censura à Arte contabilizou em 2017 e 2018 um total de 12 casos, enquanto, só em 2019, surgiram mais 27. Muitos deles não são decisões da pessoa de Jair Bolsonaro, mas, sim, do que ele representa e defende. O posto de presidente vem validando e fazendo crescer estruturalmente esse padrão conservador, inclusive com indicações dele para cargos do Poder Executivo.

Os casos mais famosos de 2019 são: a censura de livro com personagens LGBT na Bienal do Rio; as charges críticas ao governo “Independência em Risco”, no Rio Grande do Sul; o show de Bnegão, que foi interrompido pela Polícia Militar após tecer críticas ao governo Bolsonaro e a repressão policial; e os editais da Ancine, com temáticas LGBT, que foram censurados pelo próprio presidente em uma de suas *lives*.

Como aponta Sérgio Mattos em *Mídia controlada - A história da censura no Brasil e no mundo*, o controle da imprensa é geralmente o primeiro passo para a tomada do poder político, a censura por si só é uma forma de controlar a veiculação de ideias para a manutenção das estruturas hierárquicas de poder. Maria Cristina Castilho Costa, socióloga da USP e coordenadora do Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura, aponta em entrevista que este mecanismo tem como objetivo “fazer com que o público, a quem a obra se destina, seja privado de seu conteúdo”.

A principal preocupação com a censura é a inviabilização direta e indireta da produção artística de uma cultura. Pois, conforme apontado pelas diretrizes do Observatório de Censura à Arte, que se baseia nos artigos de Maria Cristina Castilho, ela “tende também a promover a autocensura. Isso significa que a principal motivação do ato censório e que o caracteriza é seu cunho ideológico”.

Diferentemente de hoje, a censura na ditadura militar era institucionalizada. Existia a Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), que era uma secretária da Polícia Federal, um órgão do Estado. Um órgão responsável por triar a produção artística nacional. Presente nas redações, como me contou em entrevista o jornalista Fernando Alexandre, criador do jornal cultural *Lira Paulistana*, toda semana o censor chegava na redação com uma série de assuntos proibidos. Ironicamente, muitas vezes era ali que ele ficava sabendo dos “podres do regime”.

A música *Solange*, de Léo Jaime, como conta o artista em entrevista ao programa da Rede Globo “Conversa com Bial”, em 23 de agosto de 2019, faz uma brincadeira com a Dona Solange, ex-diretora do DCDP. Com a nova Constituição, o órgão foi destituído. O trabalho deste documentário é compreender como estes atos censórios crescem na atualidade sem que haja nenhuma guarida legal.

3 JUSTIFICATIVA DO TEMA

Seja na ciência, com a demissão de pesquisadores que questionam o mercado do agronegócio (como as pesquisas do Inep e o caso do Instituto Butantã), seja nas artes, o escalonamento da censura se tornou visível nos últimos anos. Principalmente no governo de Bolsonaro, que transformou censura em prática diária. A democracia brasileira é muito nova, o que torna preocupante assistir ao presente retrocesso quanto à liberdade de expressão e de opinião garantida pela Constituição de 1988.

O objetivo deste documentário é trazer para o debate alguns casos que não ganharam grande visibilidade. Propõe-se também discutir questões básicas sob diferentes perspectivas. A ideia é levantar perguntas pertinentes, para entender o momento atual: o que acontece hoje é censura ou não? O que não é censura? Quem está censurando? Quem está sendo censurado? Como isso é possível hoje? Quais são as consequências da censura? Como rebater os ataques que a democracia vem sofrendo?

4 JUSTIFICATIVA DO PRODUTO

Minha afinidade com a produção audiovisual veio antes da graduação no curso de Jornalismo. Conheci este meio no ensino médio, quando os alunos competiam para ver quem fazia o melhor trabalho em vídeo. Na comunidade onde nasci, um professor da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) desenvolvia oficinas que me colocaram em contato com todas as etapas da produção de filmes. Primeiramente como aluno e, logo antes de entrar na Universidade Federal de Santa Catarina, como monitor de oficinas de educomunicação na Escola Municipal Albertina Madalena Dias, no bairro Vargem Grande.

O projeto Educom.cine foi onde tive a experiência de entrevistar alguém pela primeira vez. A entrevista acabou se tornando minha grande paixão na prática jornalística. Com aquele projeto também participei pela primeira vez de um curta metragem. Conhecer todas as etapas de produção e ver a maneira como isso modifica as crianças e a mim, fascinou-me. Através da prática proporcionada eram discutidos temas locais, como saúde pública no bairro e gravidez na adolescência. Outro fator muito importante que me fez gostar mais ainda da área

foi ver pessoas de diferentes realidades convivendo juntas para concretizar um projeto. Eram alunos vindos de comunidades carentes junto a crianças com melhores condições financeiras trabalhando juntas, pensando juntas, questionando-se, aos colegas e ao mundo, através da práxis audiovisual de educomunicação, questões fundamentais. Apesar de meu TCC não ser na área de educomunicação, acredito que essa experiência teve profundas influências no resultado deste trabalho. Aproveito para apontar que esta é uma área que, dentro do curso de Jornalismo, tive pouco contato. A única experiência parecida com o Educom.cine foi durante o projeto de educação para a mídia, do professor Samuel Lima. Acredito que o Jornalismo desconexo da sociedade não tem função, sendo assim, o Departamento deveria pensar mais seriamente em desenvolver projetos neste sentido, caso contrário, continuará formando jornalistas distantes da realidade.

Seria injusto citar uma disciplina ou outra para dizer onde está presente o conhecimento que adquiri no curso. No entanto, devo ressaltar a importância de ter feito a disciplina Jornalismo e Gênero. Nela consegui compreender outros fatores da produção audiovisual que compõem não apenas a técnica do fazer jornalístico, mas questões de representatividade e de “local de fala” como repórter. Importante compreender isto não como um fator limitante da minha experiência enquanto homem, branco, cisgênero, heterossexual, classe média. Mas como as minhas experiências e as minhas conclusões sobre aquilo que está sendo mediado por mim estão presentes e marcadas no meu corpo. Usar isso como um ponto de investigação sobre o material que está sendo produzido é fundamental, para não se cair em discursos maniqueístas e mantenedores das relações de poder.

A montagem do presente documentário foi pensada para ser vista em uma sala de projeção. Cinemas de bairro, cineclubes, festivais são lugares onde a projeção absorve a atenção do espectador. Minha proposta, com isso, não é a de limitar o acesso ao documentário, mas, sim, expandir sua compreensão por parte do público, pois apenas liberá-lo na internet como primeira estratégia não causaria o impacto que eu gostaria de proporcionar com a produção dele.

A duração de 35 minutos vem de três principais fatores: a falta de tempo para uma maior produção, incapacidade técnica para tal e a vontade de ter um material com muito conteúdo, mas não denso. A deformação da imagem e minhas interferências como editor estão presentes nele, de maneira bem perceptíveis, o que é uma das vantagens desse meio. Usar da repetição como uma forma de chamar atenção e ao mesmo tempo informar e causar reações foi intencional, uma espécie de linha mestra na introdução deste documentário. Já os

textos, com tarjas pretas associados a sons, outro efeito que lancei mão nesta produção, são exclusividades do audiovisual - daí mais alguns motivos que justificaram minha escolha.

5 PROCESSO PRODUTIVO

O tema deste trabalho, no início deste semestre, era outro. Ainda que durante minha formação no curso de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina nunca tenha me interessado por empreendedorismo, meu TCC original previa a construção de um plano de negócio em Jornalismo Cultural. Os principais motivos que me levaram a essa escolha: não me enxergava trabalhando em nenhum veículo tradicional, tinha receio de não ter um emprego após a minha formação e tentava juntar a minha paixão pela música com a minha graduação.

A tentativa, porém, se mostrou frustrada. Tentei redefinir o TCC, concentrando-me mais no Jornalismo Cultural, através de leituras e entrevistas com jornalistas da área em Florianópolis. As primeiras conversas foram realmente muito produtivas, mas aos poucos fui vislumbrando outro encaminhamento para o trabalho.

Durante o período do projeto e o início do segundo semestre, estive produzindo documentários em meu estágio no Núcleo de Comunicação do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Lá, sob orientação de Laís Campos Moser, finalmente consegui visualizar caminhos que me estimularam a permanecer no curso de Jornalismo da UFSC. Foi uma experiência muito rica, onde realizei sete minidocumentários pelo HallCeart Audiovisual, projeto do Núcleo de Comunicação. A escolha do formato teve relação com essa experiência.

Um dos documentários que desenvolvi no estágio foi sobre Teatro nas Prisões, onde tive a experiência de conhecer, por dentro, o Presídio Feminino de Florianópolis, um projeto de Arte desenvolvido pelo professor da Udesc, Vicente Concílio.

No meio do semestre, esse professor me chamou e a meu colega de Núcleo, Nicolás Haverroth, para gravar o primeiro espetáculo que as presas iriam apresentar fora do presídio. Somando esta experiência, que mudou minha vida, e as dúvidas que eu tinha em relação a meu TCC, não tive outra opção senão a de apresentar, no início de outubro, outra proposta de trabalho à minha orientadora Valentina da Silva Nunes.

Com prazos curtos e uma viagem pessoal já marcada, já que iria passar uma semana em São Paulo, resolvi aprofundar o que já vinha fazendo no meu estágio: um documentário. O tema foi se modificando com o decorrer das demandas. Conforme relato no item Pré-apuração a seguir, detalharei um pouco mais os dois motivos que me levaram à escolha do presente tema: o fato de os jornalistas de cultura de Florianópolis, empregados em jornais locais, não falarem abertamente sobre a censura que vinham sofrendo nas redações, em oposição ao fato de os artistas estarem bem mais abertos. Resultado: resolvi me focar mais nas artes e menos no jornalismo. E como 2019 foi um ano de grandes polêmicas envolvendo a censura, resolvi falar sobre a Censura às Artes na atualidade.

5.1 PRÉ-APURAÇÃO

A pré-apuração deste documentário partiu da minha aproximação com a arte e da constatação de que eu nunca tinha presenciado tal cenário. Esta impressão iria se confirmar na pesquisa de casos anteriores e posteriores a 2017. Mesmo com o trabalho pronto, algumas questões permaneceram: os resultados são decorrência da metodologia utilizada? Os poucos casos ocorridos entre 1989 e 2016 vêm da falta de interesse em divulgação pela imprensa? Ou a falta de relatos viria do escalonamento da internet, que não era tão forte no início dos anos 2000?

A primeira medida foi pesquisar na internet os casos que existem após 1988. A principal ferramenta utilizada foi o Google, que possui códigos de pesquisa que facilitam o direcionamento, e abas que mostram apenas páginas de jornais. Foram feitos recortes por ano, tema e retroalimentação. Por exemplo: usei o recurso “pesquisas avançadas” para pesquisar, de ano em ano, quais notícias existiam com as palavras “Censura”, “Cerceamento”, “Fechamento”, “Arte”, “Liberdade de Expressão”, “Liberdade de Opinião” etc. Em seguida, recorri à combinação das palavras com a ferramenta das aspas, para definir que o resultado da pesquisa deveria ter exatamente essa palavra, e o mais(+) e o menos(-) para retirar aquilo que era poeira de informação e merchandising.

Utilizei a nova ferramenta "transmissão" do aplicativo Whatsapp para enviar a seguinte mensagem para 209 contatos da lista de fontes que construí ao longo das minhas experiências em jornalismo cultural no curso de Jornalismo da UFSC, na Rádio Udesc, no

Núcleo de Comunicação do Centro de Artes da Udesc, na Garagem 2020 e em movimentações sociais.

"Vim te pedir ajuda para uma causa nobre. Estou terminando o Curso de Jornalismo na UFSC neste semestre. Meu Trabalho de Conclusão de Curso é sobre a censura. Estou produzindo um documentário sobre o posicionamento das mídias com os casos de censura nos tempos da ditadura e neste ano de 2019. Vou entrevistar tanto jornalistas atuantes hoje e que atuavam nos anos de chumbo, quanto artistas que tiveram suas obras censuradas e famosos que têm alguma relação com os casos de censura (como o caso do Felipe Neto, por exemplo). Dei uma procurada aqui, mas não encontrei muita coisa em Florianópolis e em Santa Catarina de uma maneira geral. Você conhece algum caso? ou saberia quem pode me ajudar a encontrar estes casos?" (mensagem no aplicativo Whatsapp)

As pessoas para quem mandei a mensagem são jornalistas, movimentadores sociais, artistas e detentores de cargos públicos na área da cultura. Mesmo depois de mudar o foco do TCC, de Jornalismo Cultural para Censura às Artes, as respostas que obtive com essa pesquisa ajudaram a construir minha lista de fontes para seguir adiante.

Já com o novo direcionamento, minha primeira dificuldade foi conversar com os jornalistas sobre censura nas atuais redações. A maioria dos profissionais não se interessava em falar, com medo de perder seus empregos. A facilidade e abertura dos artistas também favoreceu a mudança de angulação.

5.2 APURAÇÃO

Da minha lista de fontes, selecionei contatos que me levariam a outros contatos, possíveis fontes e relatos. O passo seguinte foi pesquisar na internet as informações que fui apurando nos relatos.

Assisti filmes que trouxeram ideias tanto para a continuidade da apuração do conteúdo, quanto de pesquisa de possibilidades estéticas do audiovisual. Neste quesito, as disciplinas Análise de Documentário, ministrada pelo professor Fernando Crocomo, do Departamento de Jornalismo, e Montagem Cinematográfica, do curso de Cinema, me auxiliaram a compreender as estruturas narrativas das diferentes escolas documentais. Alguns exemplos são: *Novembrada*, de Eduardo Paredes; filmes de Eduardo Coutinho, como *Cabra Marcado Para Morrer*, *Edifício Master* e *Boca de Lixo*; o documentário *História Recontada*:

Professor Marcos Cardoso Filho e a Ditadura na Escola Técnica, feito pelo Instituto Federal de Santa Catarina; *Guerras do Brasil, doc*; *Privacidade Hackeada*, de Karim Amer e Jehane Noujaim; *Noite e Neblina*, de Alain Resnais; *Ônibus 174*, de José Padilha; *Notícias de uma Guerra Particular*, de João Moreira Salles; *Videogramas de uma Revolução*, de Harun Farocki (1992); *Baraka*, de Ron Fricke; *Lições da Escuridão*, de Werner Herzog; *Koyaanisqatsi*, de Godfrey Reggio; *A chuva (Regen)*, de Joris Ivens.

O contato com as fontes se deu de três formas. Primeiramente, através de ligação telefônica, e, quando não foi possível, caixa de mensagens de redes sociais, e em último caso, e-mails e assessorias. Às vezes o contato cascata que decorreu da lista do WhatsApp não continha sobrenome, e-mail, nem telefone. Através do cruzamento de informações sobre local de trabalho e função, por telefone e através das ferramentas de pesquisa do Google, consegui as informações que precisava.

A única fonte com a qual não consegui contato foi o ex-secretário de cultura Henrique Pires, que mesmo já tendo trabalhado na Universidade de Pelotas, as pessoas intermediárias não me passaram sequer seu e-mail. A saída que encontrei foi utilizar no documentário a entrevista que ele deu para o *Globo News*, em 22 de agosto de 2019.

Resolvi abrir o escopo do documentário. Utilizei a semana que passei em São Paulo para realizar entrevistas. Assim, resolvi dar um caráter nacional ao documentário. Consegui duas fontes no Rio Grande do Sul, que fariam sobre um caso de censura e o Observatório de Censura, e seis em São Paulo e Guarulhos. As entrevistas no Rio Grande do Sul foram feitas por videoconferência. Em São Paulo, todas presencialmente. Em uma das entrevistas, a fonte só poderia em dia e horário em que eu já estaria voltando para Florianópolis, assim recorri aos seguintes colegas que fizeram a entrevista em meu lugar, com perguntas que enviei: Vitória Greve, Carlos Lenine e Eduardo Jurek. Outras imagens que não pude captar, consegui por meio de apoiadores, são elas: a exposição *Independência em Risco*, imagens doadas por Luciana Marques; o espetáculo *Res Pública 2023*, imagens doadas por Dellani Lima.

5.3 FONTES

Em São Paulo, consegui fazer as entrevistas focadas na abordagem de cada entrevistado. Aos artistas perguntei primeiramente o que havia acontecido. Recorri a pergunta ampla para os censurados me contarem a sua versão da história. Fiz uma lista de perguntas para cada entrevistado no caminho de um ponto a outro da cidade. Acabei

perdendo esses registros, mas o processo de entrevista de cada artista entrevistado obedeceu a seguinte dinâmica: perguntar o que aconteceu e adentrar em assuntos que percebia na hora, com o apoio do caderno para o caso de a entrevista não fluir.

Artistas entrevistados

Ailton Diller Malaquias

Artista | Censurado em 2017

Principais notícias usadas como fonte para a entrevista foram: “Mitra, food truck, em nome de Deus” (GUARULHOS, 2017); Artista acusa Igreja Católica de censurar duas obras em exposição no Adamastor (REDAÇÃO GUARULHOS HOJE, 2017); “Após denúncias, prefeitura de Guarulhos manda retirar quadros com teor pedófilo e de intolerância religiosa no Teatro Adamastor Guarulhos.” (ENDIREITA SP, 2017).

Janaína Reis

Fotógrafa | Censurada em 2019 (SP)

Suas sete fotos foram retiradas da exposição “Universo Feminino”. O áudio do prefeito vazou nas redes e foi parar nos jornais. Principais notícias usadas como fonte para a entrevista foram: “Prefeito de Guarulhos manda tirar fotos com 'menção a questões políticas' de mostra” (FOLHA DE SP, 2019); “A luta política faz parte do universo feminino’, diz fotógrafa que teve fotos vetadas por prefeito de Guarulhos” (SANTO, 2019); “Exposição destaca a importância da mulher na sociedade mundial” (REDAÇÃO GUARULHOS HOJE, 2019).

Vulcânica Pokaropa

Artista | Censurada em 2019 (SC)

Possui o trabalho “Desaquenda”, que mapeia a produção artística de pessoas trans, travestis e não binárias. Foi censurada pela Aliança Francesa em Florianópolis, no início de 2019. Hoje vive em São Paulo. Principais notícias usadas como fonte para a entrevista foram: “Aliança Francesa abre inscrições para Prêmio AF de Arte Contemporânea 2019” (REDAÇÃO ARQ PORTAL SC, 2019); “Artista travesti tem exposição cancelada pela Aliança Francesa por ser “inadequada”” (RIBEIRO, 2019).

Leandro Dóro

Chargista | Censurado em 2019 (RS)

“Exposição Independência em Risco” criticava o governo Bolsonaro. Principais notícias usadas como fonte para a entrevista foram: “Reação de deputado ao atacar obra prova que charge estava certa, diz cartunista” (SPERB, 2019); Sindjors e Fenaj repudiam fechamento da exposição 'Independência em Risco' na Câmara (BRASIL DE FATO, 2019); “Exposição de charges com Bolsonaro lambendo botas de Trump é suspensa do RS” (VASCONCELLOS, 2019); “Liminar derruba censura de Monica Leal à mostra de cartuns” (BARRETO, 2019).

Sindicatos

Paulo Festinha

Presidente do Sindicato dos Artistas de Santa Catarina

Conta que não há casos no estado.

Dorberto Carvalho

Presidente Sindicato dos Artistas de São Paulo

Conta que há casos em que está auxiliando artistas a superar a censura. Participou da audiência pública sobre censura no STF em 2019.

Teóricos

Maria Cristina Castilho Costa

Observatório de Censura (OBCOM-USP)

Sociológica que estuda censura coordenadora do OBCOM da USP.

Alfredo Manevy

Ex-presidente da SPCINE, professor do curso de cinema da UFSC.

Samuel McDowel

Advogado do caso Vladimir Herzog, ainda atuante no direito. Também fomentador cultural.

Jornalistas

Fifo Lima

Produtor cultural em Florianópolis-SC. Também é jornalista e trabalhou nos principais veículos de Santa Catarina, como o *Jornal de Santa Catarina* e *Diário Catarinense*.

José Geraldo Couto

Jornalista que trabalhou na *Folha de S. Paulo* por vários anos. Crítico de cinema e tradutor.

Thaís Seganfredo

Observatório de Censura à Arte (RS)

Jornalista do jornal *Nonada*, criadora do Observatório de Censura à Arte. O Observatório foi localizado por meio de matéria da revista *Veja* “É proibido proibir: a censura volta a assombrar as artes” (THEDIM; MOLICA, 2019)

5.4 MONTAGEM

Com todo o material em mãos, iniciei os primeiros ajustes para conseguir editar o material. Como gravei os áudios separados, primeiro sincronizei tudo usando o software Plural Eyes e importei as sequências para o Adobe Premiere. Em seguida, iniciei as transcrições das entrevistas. Nesta parte contei com a ajuda de colaboradores, em função do tempo reduzido.

A única entrevista não utilizada foi a de Paulo Festinha, do Sindicato dos Artistas de Santa Catarina, pois a entrevista não trouxe conteúdo aproveitável. O Sindicato de Santa Catarina se revelou desarticulado, e a fonte não tinha informações sobre os casos que apurei. A impressão é de que seu presidente só queria fazer propaganda sindical.

Ainda muito intuitivamente, comecei a montar o documentário. Fui mostrando os avanços obtidos à minha orientadora. Após uma semana, recebi auxílio do educador João Lazzaro, com quem produzi uma escaleta afixada na parede de minha sala, com a qual pude visualizar mais facilmente os blocos temáticos. Eles me permitiram vislumbrar a alternância dos casos de censura, para que eu refletisse melhor sobre a narrativa que eu vinha construindo sobre o tema.

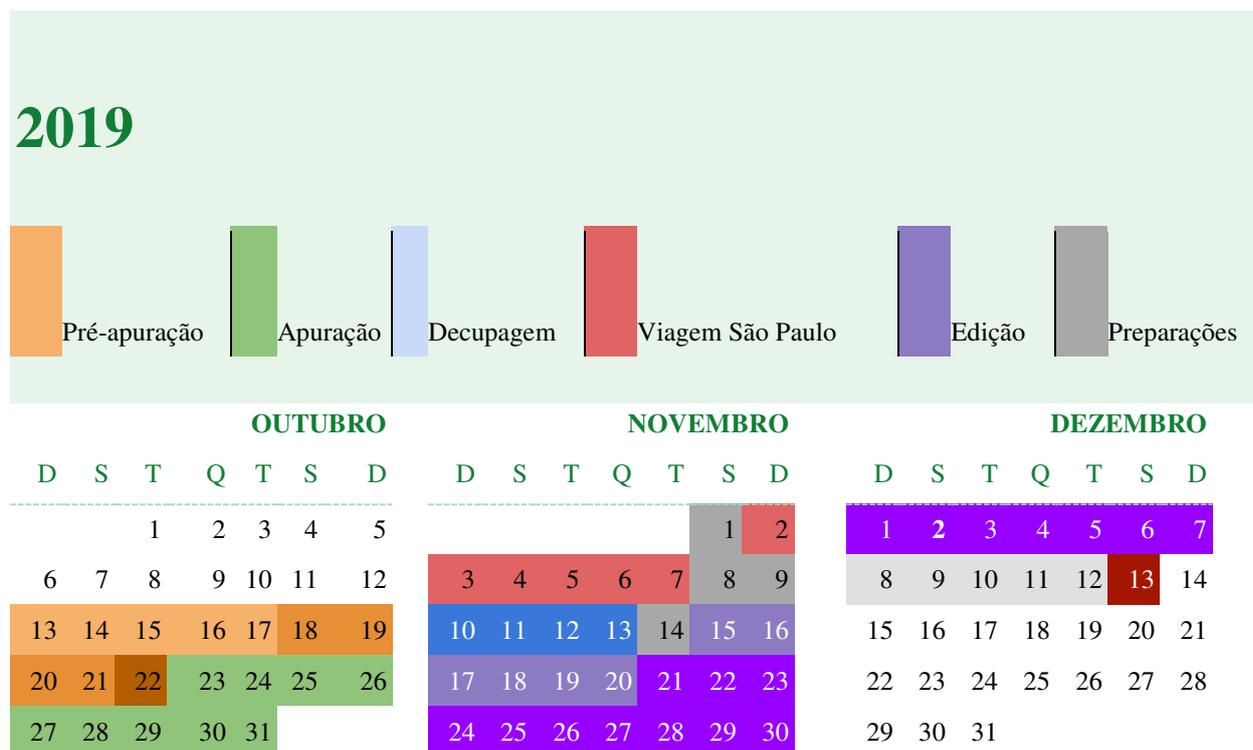
No documentário, já em seu formato final, primeiramente apresento o caso da fotógrafa Janaína Reis, em 2019. Em seguida, aponto outros casos, procurando revelar por

que a retirada das fotos dela da exposição se configurou como censura. A partir daí, segui dois principais focos: o que é censura? Quem sofre censura hoje?

A segunda parte da montagem se debruça sobre as relações de poder: a censura como estratégia midiática, os eixos que estão sendo censurados, cultura censória e censura no meio privado. A terceira é um olhar para a realidade das instituições democráticas, e um grito de resposta aos casos que vêm crescendo com a eleição do presidente Bolsonaro.

Para encerrar o processo de edição, colorizei as imagens que estavam sem tratamento, equalizei o som e criei um documento com todos os textos para correção. As interrupções abruptas e os áudios incidentais fazem parte da narrativa de compor um cenário e em diversos momentos cerceá-lo abruptamente. São ferramentas narrativas que encontrei para trazer a censura não só para o conteúdo que está sendo falado pelos entrevistados, mas também com o intuito de atingir os sentidos. Os textos em quadro preto que surgem no meio da tela procuram censurar partes da imagem. O som cortado procura me colocar como um censor no processo de edição, como se os depoimentos originalmente fossem maiores do que são vistos na tela, e por ação minha são interrompidos abruptamente.

5.5 CRONOGRAMA



6 ORÇAMENTO

Para a produção deste documentário, foram adquiridos uma câmera e lente filmadora, cartões de memória, tripé e um Powerbank. Todos os custos foram pagos com recursos próprios. Infelizmente, não contabilizei as horas de trabalho, mas seguem abaixo os custos materiais.

Item	Quantidade	Valor (R\$)	Total
Câmera Sony A7Rii	1	R\$ 6.000,00	R\$ 6.000,00
Lente Sony 28mm	1	R\$ 2.000,00	R\$ 2.000,00
Cartão de memória v30 de 32Gb	3	R\$ 130,00	R\$ 390,00
HD Externo 1TB	1	R\$ 292,22	R\$ 292,22
PC	1	R\$ 2.000,00	R\$ 2.000,00
Tripé	1	R\$ 399,00	R\$ 399,00
Gravador Roland R-28	1	R\$ 3.000,00	R\$ 3.000,00

Transporte média (SP)	5	R\$ 40,00	R\$ 200,00
Passagem	1	R\$ 293,82	R\$ 293,82
Powerbank	1	R\$ 60,00	R\$ 60,00
Alimentação média (SP)	5	R\$ 20,00	R\$ 100,00
Pilhas	1	R\$ 19,90	R\$ 19,90
Total:			R\$ 14.754,94

7 DIFICULDADES E APRENDIZADOS

A grande maioria das entrevistas foi captada apenas por mim. Ressalto, então, que tive muita dificuldade na parte das entrevistas, porque trabalhei sozinho na maioria das vezes, precisando dar conta também da parte técnica, além da jornalística.

Pude contar com a estimável contribuição de João Lazaro, para a criação da escaleta na parede de minha sala. Sem visualizar o documentário como um todo através da escaleta, colocando e retirando da parede os cartões com trechos das entrevistas, seria impossível fazer este documentário a tempo.



No entanto, acredito que consegui realizar um documentário que capta uma tendência do momento atual do Brasil e que cumpre seu papel jornalístico ao focar e registrar os acontecimento do tempo presente.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMIEL, Vincent. *Estética da montagem*. Lisboa: Edições texto & grafia, 2010.

BARRETO, Marcelo Menna. Liminar derruba censura de Monica Leal à mostra de cartuns. 2019. Disponível em: <<https://www.extraclasse.org.br/cultura/2019/09/liminar-derruba-censura-de-monica-leal-a-mostra-de-cartuns/>>. Acesso em: 13 out. 2019.

BRASIL DE FATO (Rio Grande do Sul). Sindjors e Fenaj repudiam fechamento da exposição 'Independência em Risco' na Câmara. 2019. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/09/03/sindjors-e-fenaj-repudiam-fechamento-da-exposicao-independencia-em-risco-na-camara/>>. Acesso em: 13 out. 2019.

DANCYGER, Ken. *Técnicas de edição para cinema e vídeo*. Rio de Janeiro: Elsevier (Editora Campus), 2003.

ENDIREITA SP (Guarulhos). Felipe S Melo. Após denúncias, prefeitura de Guarulhos manda retirar quadros com teor pedófilo e de intolerância religiosa no Teatro Adamastor Guarulhos. 2017. Disponível em: <<https://endireitasp.wordpress.com/2017/08/11/endireita-guarulhos-denuncia-e-prefeitura-retira-quadros-com-teor-pedofilo-no-teatro-adamastor/>>. Acesso em: 13 out. 2019.

FOLHA DE SP. Prefeito de Guarulhos manda tirar fotos com 'menção a questões políticas' de mostra. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/10/prefeito-de-guarulhos-manda-tirar-fotos-com-mencao-a-questoes-politicas-de-mostra.shtml>>. Acesso em: 13 out. 2019.

GUARULHOS. GRUCULTURA. Mitra, food truck, em nome de Deus. 2017. Disponível em: <<http://grucultura.guarulhos.sp.gov.br/evento/1094/>>. Acesso em: 13 out. 2019.

LINS, Consuelo da Luz. *O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004. 205p. ISBN 8571107696.

MATTOS, Sérgio. *Mídia controlada – A história da censura no Brasil e no mundo*. São Paulo: Paulus, 2005.

PIRES, Breiller. “Meu livro é sobre a ditadura. Jamais pensei que seria censurado”, diz autor de ‘Meninos Sem Pátria’. *El País*, São Paulo. 5 de out. de 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/04/cultura/1538677664_945391.html>. Acesso em: 12 de dez. de 2019.

REDAÇÃO ARQ PORTAL SC. Aliança Francesa abre inscrições para Prêmio AF de Arte Contemporânea 2019. Disponível em: <<https://arqsc.com.br/alianca-francesa-abre-inscricoes-para-premio-af-de-arte-contemporanea-2019/>>. Acesso em: 13 out. 2019.

REDAÇÃO GUARULHOS HOJE (Guarulhos). Artista acusa Igreja Católica de censurar duas obras em exposição no Adamastor. 2017. Disponível em: <<https://www.guarulhoshoje.com.br/2017/08/11/artista-acusa-igreja-catolica-de-censurar-duas-obras-em-exposicao-no-adamastor/>>. Acesso em: 13 out. 2019.

REDAÇÃO GUARULHOS HOJE. Exposição destaca a importância da mulher na sociedade mundial. 2019. Disponível em: <<https://www.guarulhoshoje.com.br/2019/11/14/exposicao-destaca-a-importancia-da-mulher-na-sociedade-mundial/>>. Acesso em: 23 nov. 2019.

RIBEIRO, Adriano. Artista travesti tem exposição cancelada pela Aliança Francesa por ser “inadequada”. 2019. Disponível em: <<http://www.informefloripa.com/2019/01/27/artista-travesti-tem-exposicao-cancelada-pela-alianca-francesa-por-ser-inadequada/?fbclid=IwAR0jyImv6H6q7cCiZB5ApGiANhgdvu1gu3G-WQgpuPbDmzVXwrngeF32ECs>>. Acesso em: 13 out. 2019.

SANTO, Thalita Monte. ‘A luta política faz parte do universo feminino’, diz fotógrafa que teve fotos vetadas por prefeito de Guarulhos. 2019. Disponível em: <<https://www.agenciamural.org.br/a-luta-politica-faz-parte-do-universo-feminino-diz-fotografa-que-teve-fotos-vetadas-por-prefeito-de-guarulhos/>>. Acesso em: 23 out. 2019.

SPERB, Paula. Reação de deputado ao atacar obra prova que charge estava certa, diz cartunista. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/11/reacao-de-deputado-ao-atacar-obra-prova-que-charge-estava-certa-diz-cartunista.shtml>>. Acesso em: 23 nov. 2019.

THEDIM, Fernanda; MOLICA, Fernanda. É proibido proibir: a censura volta a assombrar as artes. 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/e-proibido-proibir-a-censura-volta-a-assombrar-as-artes/>>. Acesso em: 13 out. 2019.

VASCONCELLOS, Hygino. Exposição de charges com Bolsonaro lambendo botas de Trump é suspensa do RS. 2019. Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/09/04/exposicao-de-charges-com-bolsonaro-lambendo-botas-de-trump-e-suspensa-no-rs.htm>>. Acesso em: 13 out. 2019.

DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Rafael Prudencio Moreira, aluno regularmente matriculado no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 15201499, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Censura, tá ok?** é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 3 de março de 2020.



Assinatura do aluno